

Tópicos de linguagem médica

Destaques na história da anatomia

Luiz Antônio Silva¹

A história do estudo dos corpos a partir do ato de dissecação, a anatomia, tem representado o desvelar de um velho mistério que, durante toda a história, instigou aqueles que ansiavam por descobrir o que se esconde por debaixo da pele. Embora, os primeiros registros de dissecações em seres humanos, sejam na Escola de Alexandria, realizadas por Herófilo e Erasítrato no século II a.C., porém, muitos consideram seu início em épocas bem anteriores. Segundo, Manno Vieira, os estudos anatômicos de Herófilo, por exemplo, permitiram realizar a clara distinção entre artérias e veias.

Por volta do segundo século da era cristã, quando, por motivos morais e religiosos, proibiu-se o uso de cadáveres humanos, predominou a prática da dissecação em animais. O grande expoente deste período foi Galeno, que trabalhou como médico na mais famosa das arenas de gladiadores de Roma, o Coliseu. Galeno realizou inúmeras dissecações em animais, criando teorias e representações que se aplicassem também ao corpo humano, consideradas, então, grandes inovações. Porém no que se referiam ao homem continham muitos erros e imprecisões, pois, foram realizadas em animais como macacos, bois etc.

Durante os três séculos seguintes a Escola de Galeno dominou toda a Europa. Com a queda do Império Romano e a ascensão do Clero cristão ao poder, no século V, tanto os estudos de anatomia, em humanos ou animais, foram proibidos, sendo atribuídas a eles características de cunho hediondo. Tal situação culminou com uma estagnação que durou aproximadamente 700 anos. Esta concepção somente começou a mudar, quando em Salerno, na Itália, foi criada a primeira Escola de Medicina, trazendo à tona os registros de Galeno.

No início da Idade Moderna os artistas estimularam os estudos da anatomia, porque buscavam realizar representações exatas do corpo.

Desta forma, no Renascimento, Leonardo da Vinci, Albrecht Dürer, Michelangelo e Rafael realizaram dissecações. Leonardo que começou fazendo medições dos músculos se tornou num verdadeiro anatomista, chegando a realizar trinta autópsias e elaborou mais de 750 desenhos anatômicos e 120 cadernos de apontamentos sobre anatomia. Muitos dos achados de Leonardo foram confirmados por anatomistas posteriores. Seu trabalho preparou o caminho para o “restaurador da anatomia”, o médico flamengo Andries van Wesel, mais conhecido como Andreas Vesalius, cujo grande livro sobre o assunto foi publicado duas décadas depois da morte de Leonardo da Vinci.

Andreas Vesalius inaugura o segundo período da evolução histórica da anatomia. Em 1533, com a idade de 19 anos, foi para a Universidade de Paris, onde estudou medicina sob a orientação do famoso Jacques Dubois, mais conhecido pela latinização de seu sobrenome, Sylvius.

Sylvius havia se graduado na Universidade Pádua, onde se tornara famoso por sua habilidade e conhecimento de anatomia e cirurgia. Em 1537, assumiu a cadeira de cirurgia e anatomia da universidade, tendo sido o primeiro a receber salário como professor de anatomia, função em que se notabilizou, corrigindo erros cometidos por Galeno. Contribuiu para o conhecimento dos ossos da cabeça e para a reforma da nomenclatura anatômica.

¹ Prof. Dr. Luiz Antônio Silva. Doutor em Línguas. Prof. de Linguagem Médica da Escola de Medicina Souza Marques.

Vesalius em 1543 publicou a obra “De humani corporis fabrica libri septem” (Sete livros sobre a estrutura do corpo humano), que apresentava pela primeira vez, em belas e exatas ilustrações, as estruturas do corpo de modo pormenorizado. Essa obra revolucionou a ciência médica da época, estabelecendo enorme progresso.

Na Inglaterra, Thomas Vicary publicou, em 1548, um pequeno livro, *Anatomie of the Bodie of Man* (Anatomia do corpo humano), talvez o primeiro livro de anatomia em língua inglesa.

William Harvey, (1578-1657), depois de quatro anos com Fabricius, retornou à Inglaterra e se dedicou especialmente ao estudo da circulação. Aprendeu tudo sobre o coração, juntou os fatos, acrescentou observações e assentou os princípios da circulação do sangue e, com isso, revolucionando a ciência médica. Foi anatomista e fisiologista, escrevendo o livro “*Exercitatio anatomica de motu cordis*” (Exercício anatômico sobre o movimento do coração). Chegou a afirmar que o sangue passava das ramificações arteriais para as ramificações venosas. Passou o resto de sua vida buscando identificar os capilares e, embora não os tivesse observado, previu sua existência.

O século que sucedeu ao de Harvey se tornou a idade heróica da anatomia microscópica e da embriologia. Esse etapa se caracterizou pela fundação de sociedades científicas e filosóficas, publicações de textos, atlas, criação de museus, escolas de anatomia, etc.

Muitas investigações anatômicas também foram realizadas por cirurgiões. São exemplos J.G. Wirsung e um colaborador que descobriram o canal pancreático; O. Rudbeck, da Suécia, e T. Bartholinus, da Dinamarca, que identificaram, independentemente (em 1651 e 1652, respectivamente) o sistema linfático e sua terminação nas veias do pescoço.

Em meados do século XIX, a teoria de Charles Darwin, sobre a origem das espécies, revolucionou as ciências biológicas. Darwin chegou a conclusão que os seres vivos estavam ligados por traços de hereditariedade. Baseando-se em fatos anatômicos, a teoria de Darwin foi aos poucos se valorizando e acabou amplamente aceita antes do fim do século XIX. Isso uniu a anatomia humana com a dos animais e das plantas. Daí por diante as ciências biológicas descortinaram um campo imenso de investigações fundamentadas na anatomia.

No século XX, a linha de investigação na área de anatomia se fez no sentido de estudar no ser vivo, e não apenas no cadáver. Por meio da radioscopia, é possível observar os órgãos internos em movimento; as radiografias fixam os aspectos mais variados das estruturas superficiais e profundas. Atualmente, técnicas como os raios X, o ultra-som, a tomografia computadorizada e a ressonância magnética colaboram bastante no estudo da anatomia, permitindo a clínicos e cirurgiões observarem o corpo humana em funcionamento.

Dissecção, Dissecação

Segundo estudiosos como Joffre Rezende e Raymundo Manno Vieira, dissecação é ação de separar, afastar, isolar, as partes de um órgão do corpo, pois, temos como sinônimo desse termo: decompor, dissolver, desagregar, desintegrar e anatomizar. Por essa razão, devemos usar o termo dissecação no estudo anatômico como a identificação, o destaque de partes do cadáver, ou, no olhar cirúrgico, como a separação de uma artéria, veia ou um tumor (dissecação de tal artéria, veia ou tal tumor).

Por outro lado, **dissecção** tem sua origina do verbo latino <**disseco, are**>, que tem o significado de cortar e, simultaneamente, dividir, seccionar. Isto porque, o substantivo relativo a esse termo **desctio, onis** tem o sentido de talho e corte.

Assim o cirurgião corta secciona e o anatomista identifica, isola, disseca.

Referências bibliográficas

REZENDE, Joffre M. de. **Linguagem Medica**. 4 ed rev.e ampl. – Goiânia: Kelps, 2011

VIERA, Raymundo Manno. **Raízes Históricas da Medicina Ocidental**. *São Paulo: Editora Fap-Unifesp*, 2012.